

Decidir com máquinas, responder como humanos

➔ ARTIGO

Antes 100% humanas, muitas das decisões tomadas hoje ao redor do mundo, em diversas frentes, já contam com a interferência da Inteligência Artificial. Da indústria à comunicação, da educação à saúde, essa tecnologia ajuda a filtrar informações, produzir conteúdo, interpretar dados e, às vezes, até sugere caminhos estratégicos para empresas e instituições. A automação está aí e será usada, estejamos ou não de acordo. Entretanto, o mais importante, quando o assunto é IA, não é a automação em si, mas o fato de que ela está mudando quem é responsável por decisões fundamentais, sejam pessoas ou máquinas. E essa mudança tem acontecido sem muito debate.

A encíclica Magnifica humanitas, divulgada recentemente pelo Papa Leão XIV, leva esse assunto para outro patamar. O documento defende que

qualquer tecnologia capaz de influenciar a vida das pessoas precisa ser entendida, questionada e corrigida por elas. E vai além: diz que, quando isso não acontece, o problema é uma falha de responsabilidade das instituições. Essa é uma crítica direta a quem trata a IA como um assunto que só diz respeito à tecnologia, e não à ética ou à governança.

Na prática, as empresas usam IA de formas bem diferentes. Enquanto algumas a aplicam somente para ganhar eficiência e reduzir esforço, outras deixam que ela realmente participe de decisões relevantes, influenciando estratégias, equipes e resultados. E aqui mora o problema. Porque quanto mais a IA assume o papel de decidir, maior é o risco assumido pela empresa — e poucas parecem perceber isso a tempo.

Quando a IA deixa de ser um agente de execução e passa a ser um agente de definição, fortalecer a governança se torna



SILVIO MENDONÇA

Diretor de Tecnologia e Transformação Digital do Grupo Marista

imprescindível. É fundamental entender que esses sistemas utilizam modelos estatísticos e dados que são, muitas vezes, impossíveis de compreender ou

mesmo auditar integralmente. Por isso, a transparência nesse caso não é apenas um mero detalhe técnico, mas uma condição para que a decisão seja legítima. Adotar essa tecnologia não é questão apenas de eficiência e seria um erro tratar assim o assunto.

A encíclica não dá respostas técnicas prontas, e talvez essa seja a intenção. Em vez de normas específicas, ela propõe um critério que serve de régua para qualquer situação: a tecnologia não pode operar fora do alcance das pessoas afetadas por ela. Isso muda o debate.

Não se trata mais de discutir se a IA é boa ou ruim, mas de exigir que exista sempre alguém responsável por avaliar, contestar e corrigir o que ela decide. Sem esse freio, corremos o risco de que as instituições deixem de responder pelo que fazem.

No mercado de trabalho, essa reorganização já é visível. Funções repetitivas perdem espaço e ganham valor habilida-

des como análise de contexto, resolução de problemas, criatividade e interação humana. E isso muda não apenas o volume de tarefas, mas o próprio conceito de valor profissional. A formação e a qualificação seguem essa mesma dinâmica: aprender e reaprender se tornaram parte permanente da rotina dos trabalhadores.

Embora os ganhos de produtividade proporcionados pela inteligência artificial sejam evidentes, eles não se distribuem sozinhos, nem de forma justa. O resultado depende das escolhas feitas na implementação dessas tecnologias. Como as responsabilidades são definidas? Quais processos continuam sob supervisão humana? Que mecanismos existem para corrigir o que der errado? Por isso, as organizações mais preparadas para o futuro serão as que tratarem essas escolhas como decisões estratégicas, em vez de detalhes técnicos que podem ser resolvidos depois.

Há 13 anos, negócio familiar de Porto Alegre é referência em origami

A Yakami Origami realiza oficinas de origamis em feiras

➔ NEGÓCIOS

MANUELA CASSANO

manuelac@jcrs.com.br

A técnica da dobradura em papel, conhecida como origami, representa uma forma de arte típica da cultura japonesa. Apos-tando nessa expressão identitária, a **Yakami Origami** possui uma jornada de mais de 10 anos utilizando a técnica para ministrar oficinas e produzir linhas de acessórios e decorações.

Idealizado pelo casal de descendentes de japoneses, Miyuki e Hideki Murata, o empreendimento sempre carregou os fundamentos tradicionais do origami, presente em suas trajetórias graças ao ensino passado por seus avós e pelas escolas. "Desde pequenos, a gente frequentava escolas de língua japonesa e essas escolas ensinam de tudo", compartilha Hideki.

A virada de chave, que transformou o fator cultural em negócio, ocorreu quando Yasmin, a cachorra de estimação da família, passou a necessitar de

cuidados frequentes. "O Hideki começou a pensar em algo para trabalhar em casa e ficar com ela 24 horas", detalha Miyuki.

O próprio nome do negócio é a junção do nome Yasmin com a palavra Kami, que, em japonês, significa papel, combinação que permanece até hoje à frente da marca.

Frentes de operação

Segundo Hideki, no início da empresa, o foco era na produção de lembrancinhas feitas principalmente para aniversários e casamentos. "A gente percebeu que a figura do Tsuru [pássaro] tinha um significado de felicidade, saúde e paz. Começamos a fazer e lançamos uma linha relacionada para casamentos e aniversários", detalha.

Contando apenas com gestão e produção da dupla, a marca evoluiu para a implementação de uma cartela maior de produtos e serviços, comercializados majoritariamente em feiras temáticas e eventos presenciais.

Nesses momentos, por vezes, eles realizam oficinas ou workshops, que com o tempo ganharam força através da participação em eventos. "A gente começou a fazer as oficinas de origami. Para atrair o público,



Miyuki e Hideki Murata levam a tradição japonesa a feiras e em kits para produção em casa

mas também para espalhar um pouco a arte", compartilha.

Atualmente, o casal é presença fixa na Feira da Colônia Japonesa de Ivoti e na feira Craft Nipo- Brasileira. Eles detalham que a ministração das atividades também costuma acontecer em eventos corporativos e escolas, assim como em trabalhos voluntários. Entre os principais produtos comercializados, os acessórios são o carro-chefe. Segundo Miyuki, os brincos de

origami, disponíveis pelo valor de R\$ 25,00, têm bastante procura. "As pecinhas, os ganchinhos, são todos folheados à prata. Não é uma simples bijuteria", promete.

Outro produto é o **kit didático, criado para estender a prática do origami para fora das oficinas**.

"Toda feira acaba vendendo bastante, porque depois que as pessoas fazem as oficinas, elas querem consumir mais origami", explica Hideki. O kit costuma englobar dois papéis estampados

e um diagrama de orientação de dobraduras, que possibilita a realização da arte de forma autônoma.

Os materiais utilizados, como aponta Hideki, não representam um custo tão significativo, mas podem englobar diferentes tipos de acabamentos e materiais importados. "A gente também tem que fazer a produção dos nossos acessórios e os kits, que demandam bastante tempo", conta Miyuki.